

ALVORADA

1.º Anno
Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica, 154
GUIMARÃES

SEMANARIO REPUBLICANO
Director,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Empresa da «Alvorada»
Guimarães, 1 de abril de 1911

Numero 19
Administrador,
Rodrigo Pimenta
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesa
R. DE PAVO GALVÃO

Pela Republica

«Na phase definitivamente critica por que está passando a politica portugueza e que teve os seus fundamentos na serie de crimes e de burlas que se vêem praticando, afrontando um povo honesto, cheio de energias e com um passado glorioso, é preciso uma resolução clara, uma vontade firme e uma acção energica para se resolver o problema da politica nacional, dando ao paiz a fórma mais consentanea com o espirito progressivo,—a Republica.

A esta cidade que tem a honra de ser patria de um nome glorioso na sciencia, Martins Sarmiento, mal chegam os rumores da lucta lá fóra travada entre a dynastia de Bragança desorganizando-se desmoralizada e a aspiração nacional systematizando-se e concretizando-se na implantação d'um regimen que repouse sobre o voto popular. Tem esta cidade pertencido aos partidos monarchicos. Os seus influentes politicos ligados por interesses e principios de vaidade, uns, e outros por amizade pessoal, aos chefes dos partidos da realza, tem-na mantido n'uma escravidão degradante, impedindo que o espirito republicano se manifeste livremente, e obstando a que ella acompanhe o resto do paiz na mesma aspiração e nos mesmos desejos. Mas é preciso mudar de vida. E' necessario que Guimarães mostre que quer, conjunctamente com o paiz, realizar a obra de sanidade politica que a Republica synthetiza, que não quer continuar a ser um feudo d'um regimen velho, d'uma dynastia gasta, de instituições criminosas...»

Isto é muito mais escrevemos nós em Dezembro de 1906, quando no Centro Republicano, que então existia se pensou em publicar um manifesto para ser profusamente distribuido e afixado nos logares publicos de Guimarães.

Motivos que para aqui não vêem, impediram que esse manifesto sahisse para a rua. Guardamo-lo e hoje, passando os olhos sobre essas linhas

que então traçamos, ficamos a pensar como, sendo tão creanças, pensamentos tão justos coordenassemos. Essas palavras que ahí estão devem ser lidas hoje com a mesma attenção de sempre. O povo de Guimarães não comprehendeu, porque ainda não lh'o fizeram sentir verdadeiramente, o espirito republicano que fez a gloriosa jornada de 5 d'outubro.

Está ainda adormecido, narcotizado, pela influencia dos caciques d'esta velha terra provinciana, que ha muitos annos o tem mantido no somno hypnotico da ignorancia nacional.

E' preciso que aquelles que teem nas suas mãos a direcção da politica republicana local, saibam scientificamente descobrir neste povo trabalhador, neste honrado povo vimaranesense, aquellas qualidades que o podem tornar consciante, que o podem chamar á verdadeira consciencia civica, que o podem tornar capaz de se integrar na grande familia portugueza da qual anda afastado em verdade.

Que os dirigentes republicanos de Guimarães demonstrem pelos seus actos particulares e publicos, na familia e na sociedade, o grau de moralidade a que chegaram, o grau de inteligencia que puderam atingir e o povo vimaranesense com a confiança que só essas qualidades inspiram, saberá lealmente e heroicamente pôr o seu cerebro e o seu braço ao serviço da causa nacional, defendendo á outrance este pedaço de terra chamado Portugal, que desde 5 d'outubro deixou de ser uma tapada real dos Braganças, para se transformar numa Republica livre e honrada, querida e sinceramente respeitada pelas principaes potencias do mundo.

Desconhecemos ainda se nos fazemos comprehender.

Rodrigo Pimenta.

«Cerca de sete mil annos antes de Christo foi a confissão introduzida no Egypto, pelo legislador indiano Manu.» (C. o l. dos povos da India).

ECHOS

O voto dos sargentos

Devem ser considerados cidadãos eleitores, os sargentos? Se os officiaes estão nesse caso, porque se devem excluir os sargentos? Não estão elles protegidos pela mesma lei, a qual concede aos chefes de familia — e elles o são em regra — o direito do voto?

Não sabem elles ler, escrever e contar, como preceitua a mesma lei?

E no campo de observação moral: não foram os sargentos, mais que os officiaes, que contribuíram para o triumpho da Republica? Em obediencia, pois, a que principio se pretende negar o que aos officiaes se reconhece? Porque sejam seus subordinados? Mas o sargento, saibam-no, não está pelo seu grau de instrucção e de condição disciplinar coactado para que não possa pronunciar-se livremente.

Em resumo. E' nossa opinião que os sargentos devem, por um principio de justiça e de coherencia, exercer o seu direito de voto.

A não ser que se elimine o voto no exercito...

«Zieury, historiador catholico romano muito conceituado affirmã que a confissão auricular foi inventada por Chrodegang, bispo de Metz em 793, mas como disciplina do seu instituto monastico, unicamente. «Esta é, diz elle, a primeira vez que encontro a confissão preceituada.» (Hist. — Eol. tom. IX, pag. 300.)

Centro Districtal

Com sede em Braga, fundou-se alli um «Centro Republicano Districtal». Queremos crer que á sua elaboração presidiu um alto pensamento de organização politica; simplesmente as cartas que convidam todos os republicanos a inscreverem-se deveriam, em nosso entender, vir precedidas dum programma onde se visse dos fins e conveniencias desta aggremação — para os republicanos dos outros concelhos do districto.

Feito isso (o que se torna indispensavel) o resto, a iniciativa, vale os nossos applausos.

«A Igreja limitou-se a copiar das antigas religiões do oriente, religiões que ella combatu, a confissão auricular.»

Cartas litterarias

III

À borda d'agua

—E'!... A'lem! Vê!...
—A Senhora da Iapa.
—O Goração de Jesus.

E a Povoia de Varzim—villa plana, aberta ás portas do Mar—começava a levantar-se em frente, na suggestão do comboio que avançava para ella—toda branca, a rodar, como um bando de borboletas que vae alçar o vôo.

Bitesgas de bairro poveiro, mal distincta pelo chapelão derrubado dos telhados que declinavam, e pela mesquinhez do corte de arruado, onde o sol entrava sempre de nesga; claraboias de topo em mēda, que os globos de vidro, abrazileirados, alarmavam de côres; os fustes sombrios dos templos, erguidos em duas torres de velha secura catholica; e, ao longe, o Mar, plano, azul e largo como uma seda desdobrada—tal era a fita de cinematographo que passava, alegrante, empoada de sões, barrada de calarias novas e avermelhada, aqui e alem, nos telhados de estreia, frescos.

A uma dobra de muro descobriu-se, ao fundo da linha, a estação de via-ferrea. Lá adeante, enchendo o espaço sob a maequise e entre as altas columnas verdes,

uma multidão de promiscuo voltava-se e como que caminhava para o comboio. A cada momento a gare parecia alargar-se e crescer e aproximar-se mais e sempre. De repente, sobre os estalos secos e duros das ferragens, a machina avançou, correndo o seu peso e a sua sombra. Uma fuga de vapor silvou; e a locomotiva, estacando, fez contra si todo o pezo da carga!

Nesse instante, activando-se ao negocio, com mãos de marítimos —de banheiros e pescadores, elevaram-se, cresceram e multiplicavam-se ás janellas e degraus das carruagens.—«Manoel da Hora!., —«Manoel Ganeta!., —«Banheiros, os Tambueos!., —«Vem a banhos?., —Os Moucos, senhora!., E com as cestas de verga e as sacas anafadas de chita de ramagens brancas e vermelhas, homens de suissas e mulheres de cachenez e cordões de oiro pendendo, largaram em bicha a plataforma das carruagens — sujas e baixas á maneira dos galinheiros.

(Continúa).

Alfredo Guimarães.

Irmandades

Foi entregue o primeiro relatório relativo á syndicancia ás irmandades da cidade. Fecha por estas palavras e diz respeito á confraria do SS. Sacramento de S. Paio: «Em virtude do resultado da syndicancia e sem impedimento da indispensavel acção que a auctoridade julgue de conveniente para o apuramento e liquidação das responsabilidades, propomos:

1.º Que desde já passe esta corporação a ser gerida pela Comissão Parochial Administrativa da freguezia de S. Sebastião.

2.º Que as escripturas antigas sejam reformadas e se verifique da sua garantia.

3.º Que, finalmente, a referida Comissão Parochial administrativa procure remodelar e dirigir a acção religiosa e social desta corporação dentro das aspirações e necessidades mais consentaneas ao momento.»

Apurou-se que ha um desfalque nesta confraria de 1:346\$285 reis, sendo o seu capital de reis 7:353\$170. Assigna este relatório o cidadão Antonio Lopes de Carvalho.

Subemos que em breves dias serão entregue as restantes irmandades syndicadas, ou sejam 11, o que, dadas as precarias condições da escripta das mesmas (se escripta se pode chamar a babytonica trapalhada que lhes foi presente) muito ha para louvar quanto á energia e boa vontade da parte dos syndicantes.

Foi entregue igualmente o relatório da syndicancia á irmandade de S. Chrispim e S. Chrispiano, cujo capital é de 4:599\$938 reis, sendo o desfalque de reis 1:241\$178.

S. João Chrisostomo, dizia: «Exhorto-vos, peço-vos e a todos supplico, que vos confesseis a Deus; não serei eu quem vos obrigue a revelar vossos peccados aos homens. Basta que mostreis a vossa consciencia a Deus. Mostrai-lhe as chagas da vossa alma e pedi-lhe que vol-as cure. Mostrae a aquelle que não ralha, mas sara... Não tendes mesmo necessidade de fallar, porque elle conhece todas as coisas, ainda as mais occultas.»

Emfim!

Vencendo-se, finalmente, a espectral situação em que a cidade de Guimarães se encontrava depois da saída da administração do concelho do illustre cidadão Dr. Eduardo d'Almeida, eis se dissipa o terrível enigma que a tanta gente preocupava seriamente e a alguns trazia de certa maneira embevecidos. Sabe-se já quem é o nosso administrador e, não sendo nenhum dos indigitados, deve o acontecimento abalar a importância política dos não contemplados.

«Braga 30. Foi nomeado administrador do concelho de Guimarães o cidadão Dr. Alberto Fernandes da Costa velho republicano e distincto causidico de Amareis.»

Não conhecemos a nova auctoridade e sem querer ferir susceptibilidades devemos comtudo affirmar aqui quanto nos desagrada estas... administrações estrangeiras.

«*Budha, que é muito anterior ao christianismo e que é ainda hoje o Deus mais adorado no mundo, instituiu a confissão para os religiosos do seu convento, a qual era feita duas vezes por mez e perante a assembleia dos fieis, em alta voz.*»

Grande reunião

Em reunião conjuncta da Commissão Municipal, comissões parochiaes e Centro Republicano, foi resolvido entre outros trabalhos de revisão e recenseamento eleitoral, convocar todas as comissões parochiaes e regedores do concelho a uma reunião preparatoria, com o fim de iniciar convenientemente a proxima lucta eleitoral. A reunião que deve effectuar-se no Theatro D. Affonso Henriques, por deferencia da sua empresa, será no domingo, 9 d'abril, pela 1 hora da tarde.

«*Está demonstrado que nos primeiros seculos da Igreja a confissão era pratica desconhecida. Só mais tarde, no seculo seis, mas ainda sob uma forma muito vaga, é que começou a ser usada nas comunidades religiosas.*»

Original

Já leram, (não é verdade?) que uma camara do paiz legislou no sentido de prohibir que as mulheres do povo se venham pentear, catindo o bicho, á porta da rua, á soalheira.

Todos tem visto, por certo, este costume curioso entre nós. Nos dias consagrados ao descanso é bem vulgar encontrar-se, porta sim, porta não, duas mulheres assapadas no chão (á indigena) deliciando-se uma á outra respectivamente, na tarefa do mata-piolho. Dizem-nos que o caso typico é mourisco.

Não negamos o facto historico. Negamos somente que o costume seja limpo.

Santo Agostinho, escreve: «*Que necessidade tenho eu de que os homens ouçam a minha confissão? Como se elles podessem dar remedio ás minhas faltas!*»

Elle!

Foi mordido num florilegio de pensamentos, os mais generosos e os mais delicados; foi apertado num jogo de raciocínios, os mais intensivos e os mais intelligentes; foi, numa palavra, no mais perfeito e completo desvanecimento da nossa compleição moral que esta idéa nos suggeriu:— Beltrão responder-nos-ha... pedindo-nos desculpa!

Pois enganamo-nos! Beltrão não pediu desculpa, como aliaz era seu dever!

Beltrão desmente assim a nossa ultima esperanza!

Pois que se vá com ella, certo de que se o fizesse não se teria humilhado, não se teria deshonrado, não se teria, em summa, perdido aos nossos olhos, porque todo aquelle que cae em si madurando um caso de consciencia, ainda vale como cidadão e, em taes casos, tem sempre direito á nossa consideração.

Assim da maneira como Beltrão praticou (reconhecer o mal e não se mostrar accessivel ao arrependimento) assim, francamente, nem direito tem sequer á nossa piedade.

Fique-se... em paz e com saude.

«*S. Jeronimo diz: «E' bom confessar os peccados, não aos homens, mas unicamente a Deus, pois só Elle nos pode dar remedio.»*»

Partidos?

Talvez. No Porto fundou-se a «União Republicana» como em Braga se lançaram as bases para um novo centro. Um e outro destes casos revelam partes dissidentes, um e outro representam partes desentendidas. Erro de tactica politica? Antecipada elaboração de partidos? Pronuncios de desintelligencias fundas?

Talvez de tudo um pouco; um pouco de tudo, talvez...

Sempre julgamos como um segundo dever dos republicanos o trabalharem, depois de proclamada a Republica, no sentido de conservarem o melhor e o maior tempo possível a antiga estrutura do partido republicano.

E' nesse sentido e em obediencia a esse pensamento que nós temos vindo orientando este jornal e particularmente a nossa attitude pessoal.

Temos feito bem? Temos pensado mal?

Que o diga o dia d'amanhã. Por nós estamos satisfeitos — embora muitas vezes hajamos de ver as coisas fóra dos eixos...

Mas tudo é preferivel, pela delicada tensão dos espiritos no momento.

«*Só em 1112, no 4.º concilio de Latrão, sob o pontificado de Innocencio III, é que a confissão foi declarada obrigatoria. Não a velha confissão leal e publica, mas a nova, mas a terrivel, mas a feroz, mas a tremenda confissão auricular, feita ao ouvido, rosto a rosto, labio a labio.*»

O Club Montanha

Dos seus nucleos representativos na provincia (aos quaes é incumbido o levar á pratica o seu plano de propaganda e combate democratico que esta colectividade se propõe), fazem parte em Guimarães os cidadãos Capitão A. Ferreira, Tenentes Abilio de Meirelles e Ermenegildo da Silva, e o director deste semanario.

Que a sua influencia se faça sentir... e para o que valermos.

O norte e a lei eleitoral

O «Centro Republicano» e a «Alvorada» foram representados na reunião do partido republicano do norte, realisada no Porto, pelo nosso director, e respectivamente a «Commissão Municipal» pelo cidadão Mariano Felgueiras.

Na plena concordancia com a moção alli votada, foram estes pelos circulos uninominaes, concenvidos como estam de que é essa a divisão eleitoral que mais convem no presente momento.

«*A confissão não era ainda dogma. Quer dizer: não tinha ainda sobre ella a força do DEUS QUER, a auctoridade do DEUS MANDA, e era preciso dar-lha. E assim foi. No concilio de Trento, os dignatarios da Igreja determinaram que essa pratica se elevasse a dogma, considerando excommungado e interdito todo aquelle que a não tivesse como tal.*»

TYPOS DA SOCIEDADE

III

DANDY

Eil-o que passa elegante, chic, pendurado n'um charuto—da fabrica...

Sempre flamante, de gestos estudados, sempre polido de maneiras feminis, elle passa nun fino aplomb olhando á direita e á esquerda, cumprimentando com emphase, com aparato, em estylo largo e antigo.

Todo de formas e arrebuques exteriores, o dandy é intellectualmente um vazio, um oco—em rigor de phrase—um falhado.

Abeirae-o: fale-lhe do machiavelismo da vida, mette-o no florilegio das ideias, atracae-o á barra d'uma discussão superior, e elle, o quidam amaneirado, lantejoulado, engraxado, responder-vos-ha, pedindo-vos o lume,—que tudo isso é uma maçada!

E assim este invertido do gosto que só cuida do festo da sua calça e da pomada do seu cabelo; este tarado—ou mais piedosamente—este gentil-vadio que se antecipa aos figurinos e faz o ridiculo da moda, cançado de não fazer coisa nenhuma, desconhecendo quasi sempre o prazer do trabalho,—boceja.

Dizei-lhe que ame, que lucte, que sociabilise, que reivindique: tudo será em vão, se não invocardes taes principios como medida de bom-tom.

Ao chamado bom-tom deve o dandy obediencia cega e passiva. Por bom-tom soffrerá o supplicio d'umas botas apertadas, a força d'um colarinho; por bom-tom beberá vinagre, furará as orelhas. Fóra d'isso é o tedio.—O tedio quando ri, o tedio quando come, o tedio a toda a hora.

Ora este estado de espirito que no dandy é um estado pathologico, uma doença, tem, quanto em meu patecer, um só processo de cura:—um marmeleiro!

Mas n'este seu exhibido alheamento que errita e provoca, uma coisa util, faltava dizer, o vence e preocupa:—é o casamento rico, unico emprego por que se decidirá.

Olhae-o: elle lá vae, o dandy, envernizado, enfatuado, empavonado. Para onde?—Para a missa da uma, para o chá das cinco, para... para onde o levem as suas luvas.

Pois que vá; e se não poderdes, de todo, evitar-lhe o contacto, marcai-o a fogo como parvo que é. Finalmente: não gasteis com elle um phosphoro...

Leves considerações archeologicas⁽¹⁾

V

Padrões

Dois padrões se admiram em Guimarães e que são igualmente considerados monumentos nacionaes, — o de Nossa Senhora da Victoria e o de D. João I.

O de Nossa Senhora da Victoria, situado junto do adro da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, fóra mandado alli erigir no reinado de D. Affonso IV. E' composto de quatro arcos ogivales pousados em columnas com capiteis de folhas e figuras grotescamente esculpidas, encostadas a grossos pilares de cantaria que, em cada angulo, supportam a aboboda do padrão, tendo no vertice de cada arco o braço d'armas usado por aquelle rei. Posteriormente á sua construção collocou-se no arco do fundo, a partir dos capiteis, um altar de estuque, envidraçado, consagrado á imagem da Senhora da Victoria e que commomora tambem, como a gothica restauração do templo, a famosa victoria d'Aljubarrota. Dentro do padrão ergue-se um elegante cruzeiro, para alli transferido no anno de 1380, como se lê n'uma inscripção gravada na sua haste (M.CCC.LXXX), (pois que até então estava fóra, junto da antiga oliveira), com o Crucificado e varias estatuas de santos: na frente, de Nossa Senhora, de S. João Evangelista, de S. Damazo e S. Torquato; no verso, de Nossa Senhora do Rosario, de S. Filipe Apostolo e S. Gualter. Tem ainda este cruzeiro na base um escudo d'armas portuguezas. Aos lados do altar veem-se dois baixos-relevos allusivos um á visita de D. João I a este padrão, outro a um milagre attribuido á Virgem e que n'aquelle logar se dá.

O de D. João I acha-se ao fim da rua d'este nome, em frente á capella de S. Lazafo, evocando uma das piedosas romagens que, segundo a tradição, este devoto monarcha fizera a Nossa Senhora da Oliveira. E' formado de quatro pilares quadrados, sem labores architectonicos, em que assenta a aboboda de pedra tambem e dentro levanta-se o cruzeiro de alvo marmore, com a cruz rendilhada. Este padrão, depois de ter já sido restaurado, foi mudado da pequena distancia de alguns metros para o local que actualmente occupa, em 1863, com o fim de melhorar o alinhamento da rua.

São estes dois historicos padrões, incomparavelmente mais valiosos que quaesquer outros que por ahi se ergam, merecedores da nossa desvelada conservação, não pelo significado religioso que representam, mas porque são outros tantos documentos historicos de que honrosamente falam os velhos archivos d'esta terra. A luz bruxoleante e mortica que de noite os allimia parece querer resuscitar os tempos mysticos e romanticos da meia-idade, prenhes de crenças, de superstições e tyrannias!

(Continua)

Jeronymo d'Almeida.

(1) (Embora de somenos importancia archeologica, completarei com mais dois artigos — Padrões e Camara — este ligeiro trabalho.)

C.

A taberna

E' a taberna pertencente ao monturo anachronico do cancro social.

Nella se deturpam consciencias e se prostituem ideias.

A taberna é o lodaçal do vicio e a vereda do crime.

Nella se representam scenas de infima especie. O ser humano que se deixa arrastar pelos seus aperitivos—o alcool,—estiola-se, definha-se, embrutece e torna-se em monstro, prejudicando assim as gerações vindouras, que soffrem as consequencias dos seus fecundadores.

E' a taberna que a humanidade accorre quasi unanime, a delectar-se nas libações do alcool que lhe transtorna o cerebro e lhe exalta o sangue, que produz a allucinação, e tem por epilogo leval-o á pratica do crime.

E' na taberna aonde o misero operario viciado pelo alcool, se vae desfazer de uns miseros cobres (o salario de 6 dias de trabalho), que a onda ululante dos sequases exploradores lhe deu em troca desse trabalho insano, de labutar constante, de martyrio, de dôres, de desespero, esquecendo o seu corpo esfarrapado, o seu estomago, abandonado a mulher e os filhos a quem igualmente o verme da miseria e da fome corrompe, conduzindo-os ao caminho da tuberculose.

E' a taberna, emfim, a imunda caverna aonde a alma humana se perverte de todos os males, prejudicando a saude e obscurecendo o cerebro.

Vêde proletarios que frequentaes essas immundas espeluncas, aonde o ar é viciado pelo cheiro nauseante do alcoolismo, quaes os terriveis efeitos desses antros perversos.

Fugi dellas, procura o campo, procura o ar livre, que vos fortalecerá, que vos dará saude; ide proletarios, nos dias de descanso, passear no campo com a vossa familia, com vossos companheiros de trabalho, fraternisae, idealisae o plano do vosso bem-estar commum, é: *Fugir da taberna!* Della nem ao menos a lembrança!

Cada taberna que se abre é um raio de luz que se extingue!

A' taberna, oppômos nós a escola! Frequentar a taberna... é desmoralisar-vos, é perder a noção do direito de conquistadores, a vossa melhora de situação.

Affastae-vos operarios, affastae-vos que a taberna é o mal.

Fugi della e refugiae-vos no vosso relucto—a Associação de Classe—ahi procura instruir-vos, orientando vos para a conquista dos vossos direitos postergados pela cafila horripilante dos exploradores de todas as especies e matizes.

Orientae-vos, prendidos por uma educação livre de dogmas, de sectarismo, de partidarismo e claue, tornaes-vos homens livres dentro da Associação livre, executae pelo livre accordo, pela unificação da ideia, formae a harmonia, o conjuncto da união de todos os opprimidos contra a matula dos vorazes sugadores do vosso sangue; o retrocesso, supplantae-o com o progresso!...

A' taberna, preferi a escola e a Associação.

Assim chegarás, proletario, a abater todos os males que te contaminam, e erguer uma sociedade nova, aonde impera o bem-estar commum.

Lôpo M.

EM FOCO...

O FIM DO MUNDO...
POR CAUSA D'UM EDITAL!

Adeus igrejas!
Adeus religião!
Adeus padres!
Adeus... tudo!
Veio a Republica, foi-se o temor de Deus, foi-se tudo! Que Deus se amerceie de nós e a Nossa Mãe Maria Santissima nos cubra com a sua divina graça!

Veio a Republica, foi-se o temor de Deus, foi-se tudo!

E' vêr. Os passos do Campo da Feira que eram de tanta significação; aquelle andador que nos dava a beijar a santa aos sabbados e de que os rapazes tanto gostavam; o *bemdito* cantado atraz do *Senhor-fôrã*, que era mesmo uma devoção; a tropa e mais a cavallaria na procissão do Senhor dos Passos, tudo isso que era obra de Deus e mais dos seus anjos, tudo isso que era tão rico, que até fazia consolação á gente, nunca mais, oh! nunca mais voltará!

E ainda havia quem não acreditasse que essa gente, que elles, os republicanos, não cuspiam no Christo (perdoae-nos Senhor!) que não entravam na igreja com o chapéu na cabeça, que não tinham pacto com o diabo! Agora ahí os tinhamos!

Se fizessem caso do que dizia a «Palavra», o «Portugal», a «Cruzada» e mais o padre Ignacio e mais a santa de Fafe e mais alli a comadre, aí, então nada disto assim seria e a Republica... nem para os filhos dos nossos netos!

Agora... era aguentar, era sofrer!

Se ainda as tropas se podessem virar!
Ah! mas é demais! Primeiro levam-nos os «santinhos»—os jesuítas—depois, não contentes, tiram-nos as «irmasinhãs!» E' de mais! O que virá depois disto, Deus do ceo!

As igrejas fechadas!?
Os padres a pedir esmola!?
Os santos a boiar nos rios!?
Que duvida! que duvida! Se já até dizem que vae ser prohibida a missa das almas! Se já até se falla que o governo vae tomar conta do S. Torquato!

Que duvida, que duvida, depois do que se tem visto!

Se até elles queriam acabar com os dias-santos!

Lá que elles, essa corja infame e reles dos atheus, dos maçonicos, dos pedreiros-livres, etc., lá que elles não se confessassem, não fossem á missa e até não comprassem a bulla, isso enfim vá lá que se tolerasse! Mas quererem-nos roubar a nossa fé... a fé de nossos paes, intrometterem-se nas coisas da nossa religião, implicarem com a nossa Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana, isso é que havíamos de ver como acabaria!

Sim, havíamos de ver!...

Socegae ó almas simples, ó almas ingenuas, ó almas boas! Ninguem virá roubar a vossa crença antiga, ninguem tentará contra a vossa fé! A Republica é tolerante!

Esmorecei ó sacripantas do altar, ó vassallos da realzea, ó exploradores da cruz! A ignorancia é muita, a bda fé é immensa,—mas a Republica é forte!

O que se fez, o que se vem fazendo e o que está para se fazer, não é, acrediteae-o — ó mysticas creaturas que tendes os olhos na bemaventurança eterna!—animado ao fogo das revoluções do odio iconoclasta e sangrento, sectario

e feroz duma religião contra outra religião! Não o penseis, não o julgeis assim que não são esses os intuitos da Republica!

A Republica, estado civil, simplesmente entendeu ser melhor para a sua marcha ascencional e progressiva não reconhecer, não subsidiar, não acceitar para si religião alguma, visto que de tantas e tão divergentes doutrinas, nenhuma tem um culto mais bello, mais grandioso e mais santo que o culto que os povos modernos e superiores consagram e votam á Liberdade!

E' pois em nome e para gloria dessa Deusa de todos os tempos e de todos os seculos, dessa divindade que conta tantissimos apóstolos e tantissimos martyres, que a Republica não proclama como verdade official nenhum credo religioso!

Vêde bem isto, ó suaves creaturas! Não ha sobre a terra immensa religião unica, religião verdadeira, religião originaes—tantas são ellas quanto é prodigiosa a seara da phantazia humana!

Mas não vos levem estas palavras o alvoço aos corações, a confusão aos espiritos. Segui, segui pela vida em fóra cantando, orando, implorando, enchendo as naveas e as ermidas da vossa devoção divina e pura! Que aos pés de Deus e da Virgem, dos santos... e de quem mais o entenderdes, suba por entre lumes e flores o incenso e a myrra das vossas graças, os hymnos e os louvores das vossas esperanças poeticas isso nada nos importa. Segui, segui o vosso caminho! Para nós republicanos, para nós que fizemos a Republica, que defendemos, que amparamos, que amamos a Republica, só uma condição, (vêde lá!) *uma só condição* nós tiramos: — a egualdade de tratamento para todas as religões!

E agora sabei-o. Foi para que no-la respeitassem e no-la tomassem em consideração, foi, numa palavra, para garantia dessa simples e rudimentar condição de liberdade que a Republica fez publicar esse edital sobre o *culto externo* (edital que tanto vos alarmou), esclarecido mais tarde por essa circular de 18 de março, onde podeis ler isto:

«*Em toda a parte, onde, pela força dos costumes arreigados no espirito da população, as manifestações do culto externo não correm perigo, fica ao prudente arbitrio da auctoridade o permittilas.*»

E aqui tendes vós, ó creaturas do Senhor, o altissimo criterio da Republica, vós que tanto vos assustaeis ou a quem os perturbadores de consciencias tanto procuram assustar!

Mas não será Deus tambem republicano?! Sim porque Elle que é omnipotente e omnisciente, Elle que tudo vê, que tudo sabe e que tudo pôde, se não fosse republicano... por certo que a Republica não se fazia!

Sendo assim, se a Republica e tudo quanto dentro della se está fazendo é de sua vontade, como é logico, porque peccados é que vós, simples mortaes contra quem nada podeis, porque heis-de pronunciar-vos contra seus altos designios e vontade?!

Loucos! que assim duma maneira inconsciente vos revoltaeis contra o vosso Deus!

CONFERENCIA DE ALFREDO PIMENTA

A ACÇÃO SOCIAL DOS LYCEUS

(Promovida pela Caixa Escolar do Lyceu Passos Manoel e realisada neste lyceu no dia 27 de março).

Digno Reitor, Presados collegas, meus senhores:

Visto ser esta a primeira vez que me encontro publicamente com o corpo docente e com os estudantes deste lyceu,—cumpre-me, por espirito de delicadeza, que não de subservencia, apresentar-lhes os meus cumprimentos. E permitta-se-me que uma declaração franca e leal eu faça desde já, e que será permanente para todas as outras vezes que nos encontrarmos: habituado a ter as minhas opiniões e a manifestalas sem rebuço aqui, deante de v.ª ex.ª, eu não procurarei captar as sympathias ou excitar as censuras de quemquer que seja. Direi o que penso com clareza, para que toda a gente me entenda, e em voz alta para que toda a gente me ouça.

Meus senhores: Tem-se pensado sempre que a função dos lyceus era excessivamente limitada. E aos hymnos que se entoam ao professor primario corresponde em geral ou um silencio criminoso ou uma opinião apaixonada sobre o professor secundario. Claro que encaro o phenomeno impessoalmente, abstrahindo pois dos individuos que nelle tem influido ou possam influir. E assim, direi que mais importante que a função do professor primario é a do professor secundario. E é mais importante, que mais não seja porque já encontra com certas tendencias, com certas determinantes o espirito das creanças que o professor primario encontrou apenas moldado pelas influencias da hereditariedade e pelas ainda quasi insignificantes influencias da educação domestica.

Se a materia que o professor primario tem que moldar já lhe é rebelde, muito mais rebelde é a que o professor secundario encontra. Depois, a missão do professor secundario visa outro fim — e fim mais complexo, de mais vasto alcance: o de formar a mentalidade nacional, desenvolvendo ao mesmo tempo a sua personalidade moral. E' por isto, que encaro o problema da acção dos lyceus sob o duplo ponto de vista — mental e moral — que eu lhe chamo «acção social». Se ella visasse só ao desenvolvimento intellectivo — seria uma acção deficiente, inferior: o homem não é só intelligencia, é tambem caracter. E será tanto mais perfeito, o homem que melhor nos dê uma superior intelligencia servida e auxiliada em superior caracter. E precisamente na sociedade nossa portugueza, a fallencia moral é mais funda e mais aterradora que a fallencia especulativa. Nos outros professores não podemos pois localisar a nossa função no simples interrogatorio da materia apontada nos programmas. No campo mental, nós devemos buscar sempre integrar o alumno na generalidade dos conhecimentos modernos, collocando-o sempre num ponto de vista de conjunto fecundo e nunca num systematico especialismo esteril. A proposito de tudo, das coisas mais importantes e das mais insignificantes, nós devemos levá-lo a caminhar, a interessar-se, a correlacionar, a entomisar-se. No campo moral, devemos crear ao alumno personalidade, independencia, e principalmente a consciencia da propria responsabilidade. Convem accentuar bem este ponto.

Porque é preciso que esses movimentos, greves, protestos etc., sejam feitos com consciencia e que nenhum d'elles, dos seus actores, se esconda atraz da maioria, do ruido geral, n'um movimento cobarde, indigno de homens. Esta dupla acção, como v.ª ex.ª veem, dá resultados extraordinarios. Por occasião da greve de 1907 — que intuitos nobres determinaram e que fracassou n'uma onda de lama — nos manifestos que fui encarregado de redigir, affirmei que não havia o espirito scientifico no ensino portuguez.

Esta affirmacção repetiu-se muito, e outros se arrogaram á sua exclusiva auctoria. Era um facto, como ainda o é hoje. E precisamente a caracteristica d'essa falta de espirito scientifico, encontra-se na ausencia do espirito de conjunto a sofirmar o nosso ensino.

Formar esse espirito e ao mesmo tempo crear um caracter portuguez, d'onde resulte tambem a diminuição da corrente de bachareis que tem impedido o advento de creaturas notaveis na agricultura, na industria, no commercio, fontes legitimas da riqueza nacional — eis o nosso fim. Porque mesmo este excesso de intellectualismo — chamemos assim a esta pedantocracia, a este mandarinato que justifica abusivamente na imprensa e na litteratura, na tribuna e na politica — é deprimente, tal a sua falsidade. Uma instituição na-

cional ha que é sagrada: o logar comum. Eu conto...

Tendo encarregado alguns alumnos de fazerem a descripção das suas impressões de Lisboa, encontrei em grande parte referencias a Lisboa, «cidade de marmore e de granito, princeza da Europa á beira-mar plantada», como lhe chamava o nosso grande poeta Garret, a Lisboa, «cidade de marmore e de granito, jardim da Europa á beira-mar plantada», como lhe chamava o grande historiador Alexandre Herculano, ou no dizer de outros, como lhe chamam os estrangeiros!

Vi referencias ao insigne pianista Vianna da Motta — por creaturas de 14 e 15 annos, que nunca ouviram o musico; vi referencias ás melhores cidades do mundo, por individuos que nunca sahiram de Lisboa. Isto que parece insignificante, a meus olhos não o é. Estas creaturas de 15 annos, que chamam insigne hitorriador a Herculano, sem o terem lido, sem saberem se elle é hitorriador ou não, chegam aos 20 annos e continuam a chamar-lh'o sem consciencia. E chegam aos 30, aos 40, são homens de estudo, jornalistas, politicos, professores, e no habito em que estão, continuam a attribuir ao Herculano qualidades que elle não teve. E assim, pela vida fóra, o insigne monographista que foi Herculano, vê-se rotulado de hitorriador! Compete ao professor corrigir esta tendencia. Obrigar o alumno a servir-se de expressões proprias e conscientes. Mas a acção dos lyceus deve alargar-se; e estes devem ser um foco instructivo e educativo, influenciando a vida estudiosa e caracterisando-a integralmente. Vou terminar. Apenas desejo que algum tivesse aproveitado com estas palavras. Se ellas foram inuteis, — prescindindo de applausos e acclamações.

Um officio da Associação de Socorros Mutuos Artística Vimaranesense

... Director da «Alvorada»:

Venho comunicar a V... que em assembleia geral extraordinaria d'esta associação do dia 26 do corrente foi approvada por unanimidade a proposta do teor seguinte:

Senhores socios:

Tendo lido n'uma gazeta de Lisboa com o titulo de «A Republica» do mez de fevereiro findo uma noticia alarmante em que se diz, constar haver um desfalque de cinco contos de reis na Associação Artística Vimaranesense, de que sou socio e por diversas vezes tenho feito parte dos corpos gerentes da mesma associação cuja noticia foi repetida por transcripção na gazeta d'esta cidade a «Alvorada» e não me convencendo por forma alguma que tal caso se possa ter dado Proponho: que se officie ao Ex.º Sr. Administrador d'este concelho para que elle ordene uma syndicancia á escripta d'esta Associação por pessoas que elle julgar convenientes, mas extranhas á mesma, a fim de se apurar o que houver de verdadeiro para socego dos socios e dignidade das pessoas que teem feito parte dos corpos gerentes da mesma associação e para dar uma satisfação ao publico; Proponho mais que esta proposta seja transcripta na acta d'esta sessão e que d'ella se mande copia ao Ex.º Administrador do Concelho e ao jornal «Alvorada», Saude e Fraternidade. Guimarães, 26 de Março de 1911.

O presidente da Assembleia Geral,

José Antonio Alves d'Abreu.

Por Alvará do Ex.º Governador do Districto foi nomeada a comissão de syndicancia para exame á escripta da Associação de Socorros Mutuos Artística Vimaranesense composta dos seguintes cidadãos:

Accacio Machado Faria Oliveira, José de Souza Roriz e Serafim Pereira Rodrigues.

PELAS INSTITUIÇÕES

Ex.º Sr. Ministro Guerra — Lisboa — Corporação cabos d'infanteria 20, auctorisação Ex.º Commandante Regimento, protestam contra boatos que possam ser-lhe referentes acerca caso de Lamego e declaram-se mais uma vez firmes e leaes novas instituições, defendendo sempre causa Republica. — Pela corporação, *Avelino Gomes*, 1.º cabo d'infanteria.

Commandante Regimento d'infanteria 20 — Guimarães — Ministro Guerra encarrega-me de dizer V. Ex.ª ter recebido assignado telegramma cabos d'infanteria 20, declarando-se leaes e firmes instituições republicanas. — O chefe do gabinete, *Sá Cardoso*, capitão.

Leonardo Coimbra

O Grupo de Propaganda «Por Guimarães» que anda empenhado na confecção dum esplendido programma para assignalar em festa a passagem de mais um anniversario, convidou este conhecido orador popular para fazer por essa occasião uma conferencia que, dizem, será no salão da Sociedade M. Sarmento. Foi sem duvida uma bella escolha, porque Leonardo Coimbra é dos que falla a linguagem de sempoeirada da Verdade.

Aviso

Batalhão de Voluntarios da Republica

Participa-se a todos os alistados que no proximo domingo, 2 de abril, o exercicio no quartel de infantaria 20, se realisará, pela primeira vez, com armas, das 2 ás 3 e meia horas da tarde, para o que se pede a todos a sua comparencia.

Pela commissão organisadora,

Guilhermino A. Rodrigues

EDITAL

O Cidadão José Pinto Teixeira d'Abreu, Presidente da Commissão Municipal, servindo de Administrador do concelho de Guimarães:

Faz saber que, com auctorisação superior, e em cumprimento do que dispõe a portaria de 23 de setembro de 1909, se acha aberto concurso, pelo espaço de 30 dias, para o provimento do logar de um guarda civil para o corpo policial d'esta cidade.

Os candidatos, para serem nomeados, deverão reunir as condições exigidas no art. 13.º do regulamento geral dos corpos de policia civil de 21 de dezembro de 1876, e apresentar os seguintes documentos: Certificado do registro criminal; attestado de bom comportamento, passado pela auctoridade administrativa.

Guimarães e secretaria da Administração do concelho, 31 de Março de 1911.

E eu *Manoel de Freitas Aguiar*, secretario, o subscrevi,

José Pinto Teixeira d'Abreu.

ALVORADA

SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—GUIMARÃES

Grande sortido de pellerines e bichos de pelle

Com abatimento de 50 e 70 por cento

Camisolas de lã para senhora e homem

CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.^A

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por junto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.^A

Largo do Toural, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos

Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97

CHAPEUS PARA SENHORA E CRENÇA
(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Camisaria, Grevataria, Espartilhos
e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

PREÇOS MODICOS



CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional	"
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os surs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.